

China: da fome ao milagre econômico

institutoliberal.org.br/blog/historia/china-da-fome-ao-milagre-economico/

Rainer Zitelmann

05/04/2024



Por milênios, a China sofreu com repetidas crises de escassez alimentar. Até recentemente, em 1981, cerca de 88% da população chinesa vivia em extrema pobreza; hoje, esse número é inferior a 1%. Nunca na história do mundo tantos milhões de pessoas saíram da pobreza extrema para a classe média em tão pouco tempo.

Mas tudo começou com uma tragédia. No final de 1957, Mao Zedong proclamou o “Grande Salto Adiante” como um atalho para o suposto paraíso dos trabalhadores. Segundo Mao, a China seria capaz de superar o Reino Unido em 15 anos, provando de uma vez por todas que o socialismo era superior ao capitalismo. O experimento socialista mais ambicioso da história começou com dezenas de milhões de agricultores em todo o país sendo forçados a trabalhar em projetos massivos de irrigação sem comida ou descanso suficientes. Logo, um em cada seis chineses estava ocupado cavando para projetos de construção de barragens e canais em larga escala. Durante o Grande Salto Adiante, a propriedade privada foi totalmente abolida e os camponeses foram forçados a deixar suas propriedades e viver em alojamentos semelhantes a fábricas com até 20.000 companheiros de sofrimento.

Este experimento resultou naquilo que provavelmente foi a pior escassez de alimentos – e definitivamente a pior escassez de alimentos causada pelo homem – na história da humanidade. Com base em análises realizadas pelo serviço de segurança chinês, o

historiador Frank Dikötter estima que cerca de 45 milhões de pessoas em toda a China tenham falecido prematuramente entre 1958 e 1962. A maioria morreu de fome, enquanto outras 2,5 milhões foram torturadas ou espancadas até a morte.

As consequências econômicas do regime de Mao foram desastrosas. Dois em cada três camponeses tinham renda mais baixa em 1978 do que na década de 1950. Após o fracasso do Grande Salto Adiante, camponeses em um número crescente de aldeias começaram a contornar a proibição oficial da agricultura privada. Como eles rapidamente conseguiram obter produções muito maiores, os quadros do partido permitiram que continuassem.

Deng Xiaoping, um dos maiores reformadores do século XX, que efetivamente governou a China de 1979 a 1992, não se opôs mais ao desenvolvimento espontâneo do capitalismo, mas o encorajou. Ele incentivou a criação de Zonas Econômicas Especiais em toda a China. Estas eram áreas onde o sistema econômico socialista era suspenso e experimentos capitalistas eram permitidos. A primeira Área Econômica Especial foi criada em Shenzhen. Uma vez um distrito com uma população de menos de 30.000 habitantes, Shenzhen tornou-se o local do primeiro experimento de livre mercado da China, possibilitado pelos quadros do partido que haviam estado em Hong Kong e Singapura e viram por si mesmos que o capitalismo funciona muito melhor do que o socialismo.

Essa antiga vila de pescadores, que antes era um lugar onde muitos arriscavam suas vidas para fugir, se tornou hoje uma metrópole próspera com uma população de quase 13 milhões de habitantes e uma renda *per capita* mais alta do que qualquer outra cidade chinesa, exceto Hong Kong e Macau. Logo, outras regiões seguiram o exemplo e introduziram o modelo de Zona Econômica Especial. Baixos impostos, arrendamentos de terras baratos e requisitos burocráticos mais flexíveis tornaram essas Zonas Econômicas Especiais extremamente atrativas para investidores estrangeiros.

Zhang Weying, professor da Universidade de Pequim, afirma: “As reformas da China começaram com um governo onipotente sob a economia planejada. A razão pela qual a China foi capaz de sustentar seu crescimento econômico durante o processo de reforma foi porque o governo intervém menos e a proporção de empresas estatais diminuiu, e não o contrário. Foi exatamente a redução do controle governamental que trouxe preços de mercado, empresas individuais, empresas de vilas e cidades, empresas privadas, empresas estrangeiras e outras entidades não estatais”.

Um documento de trabalho do Fórum Econômico Mundial de 2019 afirmou que “o setor privado da China – que vem se fortalecendo desde a crise financeira global – agora está servindo como o principal impulsionador do crescimento econômico da China. A combinação de números 60/70/80/90 é frequentemente usada para descrever a contribuição do setor privado para a economia chinesa: eles contribuem com 60 por cento do PIB da

China e são responsáveis por 70 por cento da inovação, 80 por cento do emprego urbano e fornecem 90 por cento dos novos empregos. A riqueza privada também é responsável por 70 por cento do investimento e 90 por cento das exportações”.

A ascensão da China foi inteiramente resultado da introdução de propriedade privada e reformas capitalistas que restringiram a influência do Estado. No entanto, nos últimos anos, a tendência começou a se reverter. O Estado está interferindo muito mais na economia novamente, e isso já levou a uma desaceleração no crescimento econômico.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: